



## Da existência límbica na atualidade

*O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam*, de Evandro Affonso Ferreira

Alita Caiuby\*

Recebeu um bilhete elíptico: “ACABOU-SE, ADEUS”. A amada o abandonara. Outra vida começava para aquele que diz ter sido fidalgo. A mensagem concisa o levou para as ruas, onde vaga há dez anos como mendigo, na esperança de reencontrar seu grande amor.

Quando lemos o único parágrafo de 127 páginas de *O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam*, sentimos desconforto, angústia, revolta. Mas não sabemos bem o que fazer. Nosso novo mendigo, também não.

A personagem não deixa de ter sua parte autobiográfica, já que o autor declara ter também um amor avassalador e se sente um pária na sociedade. Autodidata, nascido em Araxá (MG), Evandro Affonso Ferreira trabalhou como bancário e redator publicitário. Aos 45 anos, sofreu um infarto; a experiência fez com que se dedicasse mais à literatura e fundasse o sebo Sagarana. O primeiro livro – *Bombons recheados de cicuta* – surgiu em 1993, com caráter humorístico. Em 2002, fechou o sebo, mas três anos mais tarde retomou a atividade de alfarrabista com o Avalovara, que acabou nas mãos do amigo jornalista e escritor Bernardo Ajzenberg.

\* Doutoranda em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

À época já havia escrito *Grogotó!*, de 2000. E, com o apadriñamento de José Paulo Paes, passou a chamar a atenção da crítica. A partir daí, lançou uma sequência de títulos inusitados: *Araã*, de 2002 (finalista do Prêmio Portugal Telecom 2004), *Erefuê*, de 2004, *Zaratempô!*, de 2005, e *Catrâmbias!*, de 2006. Em 2010, a mudança de estilo apareceu na capa – *Minha mãe se matou sem dizer adeus*. Em 2013, ganhou o Prêmio Jabuti na categoria de melhor romance, com *O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam*.

A obra mostra a fala (ou pensamento?) de um homem sensível, instruído, que tenta aliviar o desespero da espera de um retorno imaginado enquanto conversa com um interlocutor.

Todos são anônimos: mendigo, ouvinte e amada. A esta última é reservado certo artifício especial: ele declara ser a letra “N” a primeira de seu nome, mas faz suspense sobre as quatro letras finais. Seu vício é marcar o corpo e a cidade com a inicial – “logomarca da esperança”. “N” de “nada”, “nunca”, “nascituro”, “náufrago”, “nati-morto”, “nebuloso” ou “niquilidade”. Enxurrada vocabular entrecortada pelo refrão insistente – “ela virá eu sei”.

Enquanto tenta fazer arrefecer a “loucura *in totum*” que o espreita, contempla a cidade com olhar de poeta niilista, desvelando, nas figuras da farandolagem que o rodeiam, as aflições e dores dos seres urbanos, a essência dos seres humanos: “O insólito alheio condimenta nossas vidas”.

Da perspectiva do mendigo, despontam algumas personagens, “seres-caramujos”, como a “mulher-molusco” e o “menino-borboleta”. A aproximação com os animais, além de fazer referência clara à obra *As metamorfoses*, de Ovídio, revela a sobrevivência instintiva a que se submetem. Enquanto a moça se enclausura tristemente numa caixa de papelão, o garoto ainda tem a gana da

infância e espera o quebrar do casulo com a certeza de uma felicidade futura. Os outros se afugentam na bebida, ignoram como podem a vida que levam. O mendigo misantropo, desequilibrado pela abstinência da amada, observa à distância a interação dessas pessoas com o meio. Descortina o alquebramento de uma sociedade que procura esconder a miséria e o abandono: “Difícil saber quem é mais infeliz: eles, que estão sentados na caverna de Platão, contemplando, bêbados, as sombras, ou eu, sob a luz da loucura, vendo as coisas como elas são na realidade”.

No sertão de concreto, “metrópole apressurada”, a referência singela a Guimarães Rosa aparece quando o narrador chama seu ouvinte de “senhor”. Aos poucos, revela incertezas e hesitações pessoais. A dúvida vai adquirindo força na narrativa. O destrambelho – o desvario, a doidice – chega aos poucos e é a força geradora da fala compulsiva e desenfreada. É preciso livrar-se do trauma, é preciso livrar-se da dúvida.

Ele não sabe se é melhor morrer ou ficar louco, está moribundo – a amada “descuidou-se do tiro de misericórdia”. Não sabe se deve ter consciência ou viver no alheamento. Se a amada virá. Se está viva. Uma espera estagnada, angustiante e já exausta vai enfraquecendo aos poucos as convicções do narrador. E ele acaba se mantendo no mesmo lugar, sem conseguir tomar uma atitude.

Em sua andança perene, leva o livrinho de adágios do pensador holandês como companheiro. Os supostos ditados, em latim, perfuram sua narrativa. A obra, publicada pela primeira vez em 1500, conta com 4.151 provérbios e dificilmente é encontrada. Nem mesmo o autor, Evandro Affonso Ferreira, possui um exemplar. Confessa que inventou algumas frases para sua narrativa. Não é possível saber, então, a autoria dos pequenos conselhos espalha-

dos pelo texto. Importa mais, no entanto, sua insistência perturbadora, advertindo o funcionamento recorrente da sociedade, que comete os mesmos erros, oculta as mesmas misérias.

O discurso do mendigo transita em três eixos básicos: o lugar à sua volta, a amada e Erasmo de Rotterdam. Os pequenos acontecimentos diários da mendicância são relatados em detalhes, dentro de suas percepções de mendigo culto. Eles funcionam como gatilho para a segunda instância de sua fala, a amada. Quando trata dela, o tempo oscila entre passado e futuro – a memória de seu amor confunde-se com o desejo de reencontrá-la. A figura da amada enleia-se com a de Erasmo, que muitas vezes entra em sua fala sem ser anunciado, construindo uma idolatria múltipla pela amada e pelo pensador humanista.

O *Elogio da loucura*, livro ícone do humanista, embora seja mencionado rapidamente, parece ter muito mais impacto na proposta literária da narrativa como um todo. Percebemos que Erasmo e o narrador concordam que a loucura é o fio condutor de toda uma sociedade. Todavia, enquanto o mendigo tenta manter sua razão, a deusa loucura de Erasmo persegue-o. Arma-se um jogo velado entre eles. Seus discursos ora se aproximam ora se distanciam, contribuindo para a potência significadora do livro: a hesitação. Concordam, por exemplo, com as incertezas – “tudo, no mundo, é tão obscuro e variável que é impossível saber alguma coisa ao certo”, diria a voz onipresente da obra de Erasmo de Rotterdam. Ao que o mendigo de Evandro Ferreira reitera que “hoje sei que nosso peito vive atafalhado de sentimentos dúbios contraditórios”.

A percepção da figura feminina, contudo, é divergente. “O *primum móbile* dela minha existência é encontrar a amada – possivelmente vivificadora de minha razão”. Somente a chegada

da mulher livraria o mendigo de todos os males, isentá-lo-ia de tomar decisões, fazer escolhas. Colocaria, enfim, nas mãos dela o caminhar de sua vida, aplacaria de uma só vez sua loucura, sua esperança, seu estado de limbo. No século XVI, a deusa da loucura possivelmente estaria rebatendo tal crença. Quando aconselhou Júpiter, foi categórica: “Faça uma mulher, eu disse, e a dê ao homem como companheira. É verdade que a mulher é um animal extravagante e frívolo, mas é também divertida e agradável. Vivendo com o homem, ela saberá, com suas loucuras, temperar-lhe e suavizar-lhe o humor tristonho e rabugento”.<sup>1</sup>

Mas a posição ambígua da mulher – entre loucura e razão – não muda os sentimentos do mendigo. Ele se sente amputado, abandonado, “vítima fatal da incompletude”. E a escolha pela peregrinação aparece como punição. Esse amor inconcluso não tem espaço na cidade dos “amores líquidos” de Bauman, ele é idealizado, romântico, crônico. Um amor que beira a loucura? Mas não é pela sua ausência que o mendigo estaria enlouquecendo?

Enquanto reflete sobre as incongruências e complexidades humanas, o leitor é atravessado por inúmeras referências da música, cinema, literatura e filosofia, numa miscelânea extravagante. Passa por Maquiavel, Billie Holliday, Eurípedes, Aristóфанes, Johnny Mercer, Demóstenes, Thomas More, Platão, Cole Porter, Mizoguchi, Diadorim, Bruno Schulz, Tirésias, Édipo, Villa-Lobos, Penélope, Humphrey Bogart, Dante, Chet Baker, Santo Agostinho, Sherazade, Lutero, Tchaikovsky, Otto Maria Carpeaux, para citar alguns.

1 A assertiva consta no livro *Elogio da loucura*, de Erasmo de Rotterdam.

E, diante dessa desordem psicológica e intelectual de um mendigo profeta, ficamos também nesse estado de letargia. Não sabemos o que é razão e o que é loucura. Não sabemos se ele realmente fala com alguém, não sabemos se a amada existiu em algum momento, ou é fruto de um devaneio que, de fato, já chegou.

O mendigo dá a voz, no entanto, a um sentimento muito contemporâneo: o da incerteza. Não sabemos como resolver nossos dilemas íntimos. Não sabemos conviver com a dúvida, com as inconstâncias e, ainda assim, acabamos por construir um mundo de limites transitórios, líquidos, mutáveis, incertos – o paradoxo da modernidade. Aos olhos do mendigo, temos apenas a certeza da miséria, do desamor, da hipocrisia, do sofrimento.

A atualidade da obra do autor mineiro está justamente aí. Pois coloca em xeque nossas convicções (já não tão firmes), nosso *modus vivendi*, nosso olhar que desvia. Talvez a verborragia tenha como interlocutor o próprio leitor contemporâneo, que dá as costas para a pobreza e para o descaso e não sabe mais o que é amar. O recado está dado, reconhecimento feito.

O que quer, então, um autor como Evandro Affonso Ferreira no cenário de nossa literatura contemporânea? A resposta é rápida: “Aos 21, preocupava-me com a possibilidade de me tornar um escritor famoso, ser um cidadão respeitável. Hoje? Penso o seguinte: a maioria deles, coleguinhas, escreve pensando em mudar o mundo. Eu? Em mudar de endereço: comprar quitinete própria”.